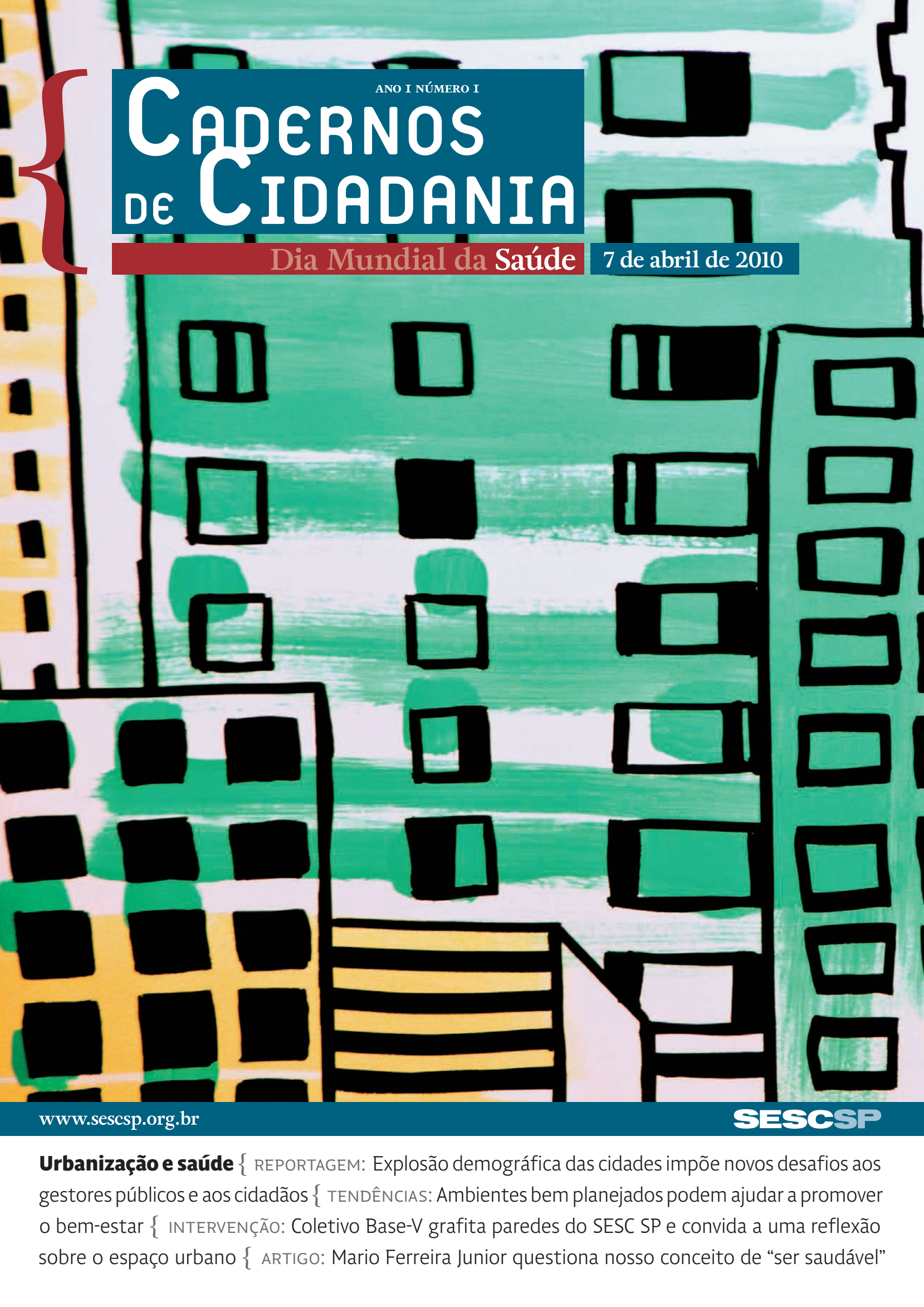




CADERNOS DE CIDADANIA

ANO I NÚMERO I

Dia Mundial da Saúde

7 de abril de 2010

www.sescsp.org.br

SESCSP

Urbanização e saúde { REPORTAGEM: Explosão demográfica das cidades impõe novos desafios aos gestores públicos e aos cidadãos { TENDÊNCIAS: Ambientes bem planejados podem ajudar a promover o bem-estar { INTERVENÇÃO: Coletivo Base-V grafita paredes do SESC SP e convida a uma reflexão sobre o espaço urbano { ARTIGO: Mario Ferreira Junior questiona nosso conceito de “ser saudável”

www.sescsp.org.br



Saiba por que mais de 27 mil pessoas seguem o
Twitter do SESC SP

www.twitter.com/sescsp

- a programação em primeira mão
- informações sobre venda de ingressos
- promoções de ingressos e produtos da Loja SESC

www.facebook.com/sescsp

Transmissão de shows
ao vivo e vídeochat
com os músicos
toda terça, às 19h

facebook®

You Tube

www.youtube.com/portalsescsp

Mais de 370 horas de vídeos
exclusivos da programação do
SESC SP

Acompanhe a programação de todas as Unidades:



assine a **newsletter**

www.sescsp.org.br/newsletter



assine a **Revista Eonline**

www.sescsp.org.br/eonline



assine o **RSS**

www.sescsp.org.br/rss

Portal SESCSP, a sua unidade virtual do SESC

URBANIZAÇÃO E SAÚDE

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional - SESC São Paulo

AO ESCOLHER O TEMA DA SAÚDE NOS PROCESSOS DE VIDA urbanos em 2010, a OMS – Organização Mundial da Saúde chama a atenção para os diferentes aspectos que envolvem algumas de suas consequências, próprias ao ritmo frenético do dia a dia das grandes cidades e aos danos que pode gerar ao equilíbrio do bem-estar e da saúde, e, ainda, quanto impacto causam, a falta de estrutura e o planejamento inadequado na qualidade de vida de muitos de seus habitantes. Para ambos os aspectos há inúmeros dados, informações e estatísticas. Ligados diretamente aos problemas urbanos ficam evidentes o trânsito caótico, a violência, a poluição, a falta de tempo e de espaços de lazer, não sendo possível negá-los, pois estão, de nós, muito próximos. Já a geografia da saúde urbana aponta, com razão e visibilidade, a correspondência entre a fragilidade na saúde em áreas socialmente vulneráveis, nas quais há maior concentração de pobreza e carências de saneamento entre outros serviços, inclusive.

Mas, o que se pretende neste Caderno é dar destaque às dimensões não reveladas imediatamente, mas que estão presentes e muito

importam na conexão existente entre saúde e urbanização. Assim, consideramos que há um sem número de vantagens e oportunidades no ambiente das cidades, talvez até maiores do que seus problemas e desvantagens, o que tem feito com que sejam pólos contínuos de atração, fluxo e permanência de pessoas. E, se a sociabilidade intensa, bem como o estímulo visual e a complexidade espacial e arquitetônica, tão característicos como atrativos da vida urbana do último século, estão em constante atualização, também deve estar a reflexão sobre a melhoria das condições dessa habitação coletiva que marca, hoje e no futuro, a vida e a saúde urbana, aqui e no mundo.

Como uma instituição identificada à defesa dos princípios de cidadania e dos valores que associam as práticas do lazer, seus espaços e políticas à humanização da vida urbana, o SESC SP busca também reafirmar, nesta publicação, a importância da comunicação consequente e educativa para a adoção de novos comportamentos e atitudes, o que pretendemos tenha a colaboração do conjunto de informações que apresentamos ao público. ■

índice }

p.5 *artigo SESC*

Conceito de “tratar” da saúde perde espaço para a promoção de saúde como gerador de bem-estar

p.8 *notas*

Fórum Mundial discute a organização das cidades

p.10 *reportagem especial*

Crescimento das cidades impacta saúde de seus moradores, quebra paradigmas e desafia os gestores públicos a pensar a metrópole como um organismo vivo

p.18 *intervenção*

Coletivo Base-V pinta uma reflexão sobre espaços urbanos no SESC Pinheiros

p.24 *entrevista*

Nina Orlow:
arquiteta e ativista social

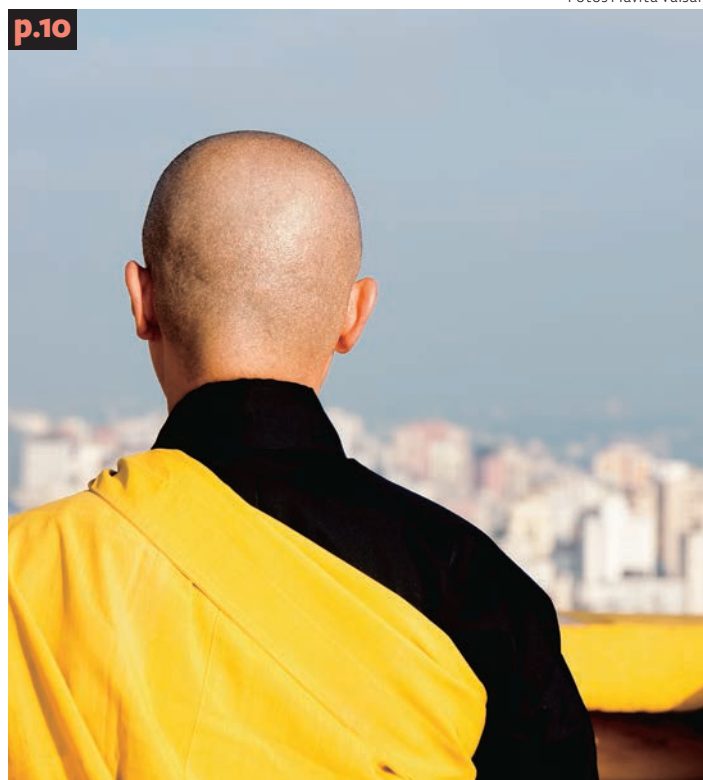
p.28 *bem-estar*

Espaços de convivência devem ser planejados para ajudar a promover saúde

p.32 *artigo*

Maioria acredita que melhor caminho para ter saúde é descobrir se está doente e se tratar. Não é

Fotos Flavita Valsani



Expediente

Serviço Social do Comércio – SESC

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE

Abram Szajman

DIRETOR REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

Cadernos de Cidadania

COORDENAÇÃO GERAL: Ivan Giannini

EDITOR: Hécio Magalhães

SUPERVISÃO GRÁFICA E EDITORIAL:

Karina Musumeci e Marilu

Donadelli GERÊNCIA DE SAÚDE

E ALIMENTAÇÃO: Maria Odete

Fernandes Marcondes de

Salles ADJUNTO: Márcia Bonetti

COORDENAÇÃO PROGRAMA DE SAÚDE:

Adriese Castro Pereira GERÊNCIA

DE RELAÇÕES COM O PÚBLICO: Paulo

Ricardo Martin ADJUNTO: Carlos

Rodolpho T. Cabral CIRCULAÇÃO

E DISTRIBUIÇÃO: Antonio Carlos

Cardoso Sobrinho ADJUNTO: Elvira

de Fátima P. Troiano

EDIÇÃO DE CONTEÚDO E REDAÇÃO:

Renato Essenfelder PROJETO

GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE: Marcio

Freitas ASSISTENTE DE ARTE: Carlos

Monte Santo TRATAMENTO DE

IMAGEM: Gilmara Ruas

Laboratório Gráfico Editorial
GEATG

A Revista Cadernos de Cidadania é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

SESCSP
www.sescsp.org.br

O QUE É SAÚDE?

Abordagem do tema passou, nas últimas décadas, de um foco centrado na doença e em seus efeitos para outro, mais moderno, preocupado com a prevenção e a realização de nossas capacidades

texto da Gerência de Alimentação e Saúde do SESC SP

NOS ÚLTIMOS 20 ANOS TEMOS ASSISTIDO A UM CRESCIMENTO EXCEPCIONAL no campo da Promoção da Saúde, que vem causando grande impacto nas práticas de saúde pública da atualidade.

Em 1945, quando se identificavam as causas do adoecimento, verificava-se que a origem passava por aspectos como a biologia humana, o meio ambiente e o estilo de vida. A associação do conceito de promover saúde com a atuação sobre esses determinantes deu origem ao movimento de prevenção das doenças crônicas. Conhecido como “revolução epidemiológica”, esse movimento, iniciado no Canadá, considerou as correlações com as condições sociais ocupacionais e afirmou que elas deveriam ser, em maior ou menor grau, prevenidas.

Até então, a maioria dos esforços da sociedade, e a maior parte dos gastos para melhorar a saúde, se concentravam na organização do cuidado médico.

E foi justamente nesse período de revisão conceitual em que as evidências da associação entre condições de vida, prosperidade e bom nível educacional se acumularam que surgiu o SESC SP.

Desde sua criação, o SESC SP tem tido a saúde como uma de suas prioridades. Diante da gravidade dos problemas de saúde que os trabalhadores do comércio de bens e serviços apresentavam na época, a instituição adotou uma ação curativa para combater os males que

assolavam sua clientela, como, a tuberculose. O acompanhamento pré-natal das gestantes era praticamente inexistente e as condições em que se davam os partos eram precárias. Maternidades foram então construídas, tornando-se a marca inicial do trabalho do SESC SP em saúde.

Com a expansão da rede pública hospitalar, o SESC SP reduziu sua ação em saúde curativa, dedicando-se mais à medicina de caráter preventivo. A ideia era a de estimular a criação de hábitos para a prevenção e consequente preservação da saúde.

A saúde sempre foi entendida como o bem maior do qual podemos dispor em nossa vida, pois não há como o ser humano crescer, trabalhar, produzir, amar e ser feliz sem uma saúde adequada ao desempenho das funções básicas vitais.

O que é saúde?

A Organização Mundial de Saúde a definiu em 1946 – mesmo ano da fundação do SESC – como “a ausência de doenças, o completo estado de bem-estar”. Essa concepção avançou ao longo do tempo, incluindo aspectos físicos, mentais, sociais e espirituais.

Hoje sabemos que saúde é a resultante da interdependência entre as condições econômicas, sociais, políticas, ambientais, antropológicas, filosóficas, tecnológicas e estruturais de uma região ou do mundo.

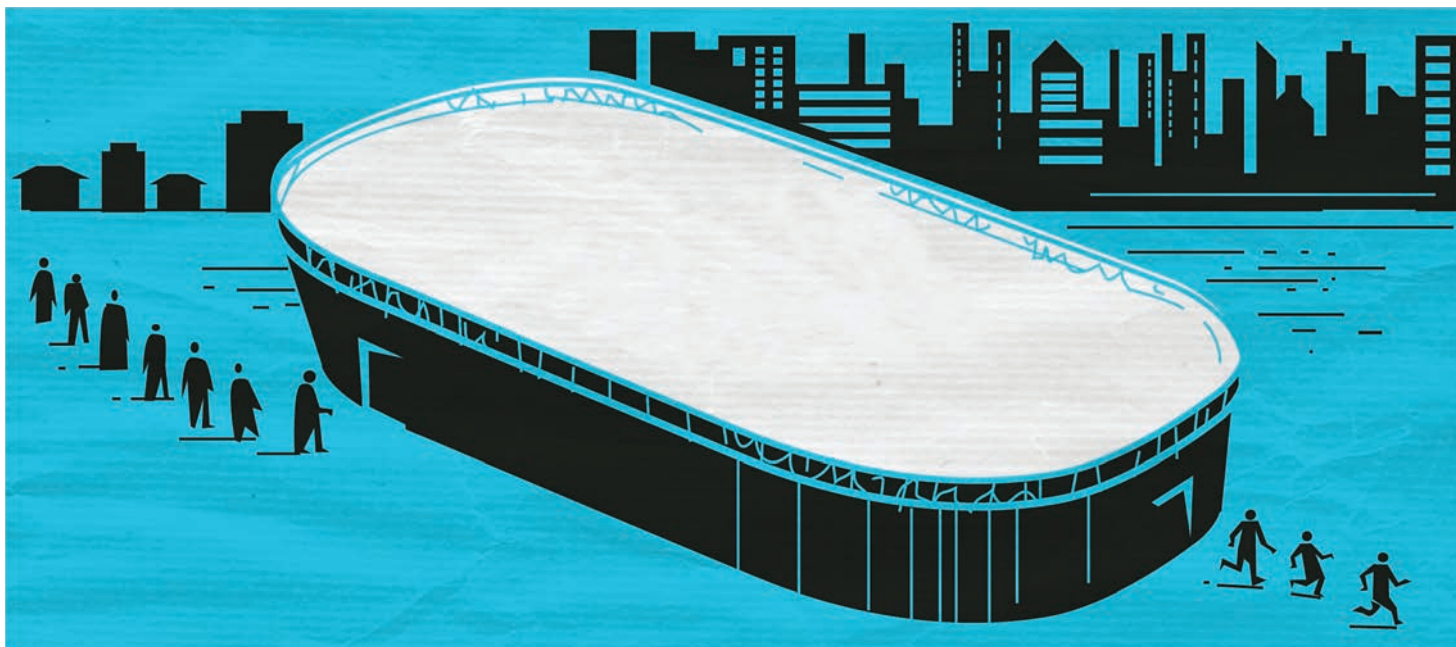


Ilustração Rodrigo Cunha

A relação entre a saúde e sua contribuição para a qualidade de vida das pessoas é sabida por todos. Mas para ter uma boa qualidade de vida não basta ter acesso a serviços médicos assistenciais de qualidade. Antes de tudo, são necessárias políticas públicas saudáveis. Só assim é possível integrar a prevenção, a assistência e a promoção da saúde em um conjunto de ações e medidas eficientes e eficazes que visam a felicidade humana.

Partindo de uma concepção ampla do processo saúde-doença e de seus determinantes, o SESC SP entende que a Saúde se promove proporcionando condições de vida decentes, boas condições de trabalho, educação, moradia, alimentação, cultura, atividade física e lazer e adotou, portanto, o conceito de Promoção da Saúde como diretriz do Programa de Saúde.

A Promoção da Saúde está associada, inicialmente, a um conjunto de valores: solidariedade, equidade, democracia, sustentabilidade, participação, entre outros, e é um processo educativo que aposta na capacidade do ser humano de controlar a sua saúde e

seus determinantes. É vista como um meio de resgatar a cidadania e proporcionar a transformação do indivíduo em protagonista.

Mas a Promoção da Saúde envolve tanto a responsabilização pessoal quanto comunitária, pois se refere também a uma combinação de estratégias, além de ações individuais (por meio do desenvolvimento de habilidades pessoais). Considera ações do Estado (com implantação de políticas públicas saudáveis), da comunidade (por meio de reforço das ações comunitárias), do sistema de saúde e de parcerias intersetoriais, isto é, trabalha com a idéia de responsabilização múltipla, seja pelos problemas, seja pelas soluções propostas.

Vertentes

As diversas conceituações possíveis para a Promoção da Saúde dividem a ação programática do SESC SP em duas vertentes.

Com atividades dirigidas à transformação dos comportamentos, a primeira se restringe aos indivíduos, focando

nos seus estilos de vida e localizando-os no ambiente em que se encontram. Neste caso, o conteúdo se concentra em componentes educativos primariamente relacionados com riscos comportamentais, que se encontram, pelo menos em parte, sob o controle dos indivíduos, como tabagismo, alimentação, atividade física, direção perigosa e aleitamento materno.

No entanto, adotar hábitos saudáveis nem sempre depende apenas do quanto o sujeito conhece sobre a relação entre o conceito de estilo de vida saudável e ambiente. A saúde pode não ser apenas uma atitude, em face das várias situações que podem ser ou não saudáveis, dependendo das escolhas feitas.

As questões de saúde, por sua natureza complexa, envolvem também as relações nas quais as pessoas estão inseridas, tornando a saúde um produto de amplos fatores relacionados com a qualidade de vida, como os econômicos, sociais, culturais, ambientais.

Assim, depende de interferências variadas, como o acesso à educação, condições de trabalho, de moradia e lazer, redes sociais, desigualdades históricas entre gerações, entre gêneros e entre etnias que exercem influências sobre os diversos estilos de vida.

Dessa forma, numa segunda vertente, ampliada e coletiva, o Programa de Saúde propõe uma articulação de saberes e uma mobilização de recursos institucionais, comunitários, públicos e privados, dando condições de acesso ao conhecimento e possibilidade de enfrentamento.

O grande desafio então é como passar da situação atual para a desejada.

Com esse compromisso de suscitar o desejo de mudança, o questionamento, a participação e a solidariedade, o SESC SP busca resposta pela educação. A vivência de experiências apropriadas para criar a possibilidade de uma transformação saudável de valores, atitudes e comportamentos.

A atuação do SESC SP na Promoção da Saúde é desenvolvida de forma integrada com a Odontologia, Alimentação, Educação Socioambiental, Atividades

Físico-Esportivas e com os diversos públicos, compondo uma rede em que todos são partícipes no cuidado com a saúde.

Dia Mundial da Saúde 2010

O tema “Urbanização e Saúde” foi escolhido para o Dia Mundial da Saúde de 2010 em reconhecimento aos efeitos que a urbanização exerce sobre cada um de nós individualmente e sobre a saúde coletiva.

O objetivo global da campanha é promover uma reflexão sobre a saúde das pessoas que vivem no ambiente urbano.

A urbanização é um desafio por vários motivos: os determinantes sociais da saúde nos centros urbanos envolvem questões muito mais amplas que incluem infraestrutura física, o acesso a políticas públicas, serviços de saúde, distribuição de renda e oportunidades educacionais.

A população urbana sofre desproporcionalmente de uma vasta gama de problemas de saúde e está exposta ao aumento do risco de violência, de doenças crônicas como as respiratórias e cardíacas e de algumas doenças transmissíveis como a tuberculose e a AIDS, não esquecendo, no caso paulista, epidemias de dengue.

Existem soluções para combater as profundas causas dos problemas de saúde urbana. Tais ações não requerem necessariamente um orçamento adicional, mas um compromisso de todos no sentido de redirecionar recursos em intervenções prioritárias.

Questões como transporte público, alimentação, poluição, estresse, habitação, saneamento básico, segurança, lazer, cultura, acesso (tanto aos serviços de saúde quanto aos espaços para a prática da atividade física) convívio social e educação de qualidade são fundamentais para uma vida saudável.

Além disso, investimentos em comportamentos saudáveis podem diminuir fatores de risco como tabaco, sedentarismo, alcoolismo e má alimentação. Por fim, a construção de cidades inclusivas, que sejam acessíveis e acolhedoras, beneficiaria todos os moradores urbanos. ■

ALGUNS FATOS SOBRE URBANIZAÇÃO

→ Mais de três bilhões de pessoas, em todo planeta, vivem nas cidades

→ Em 2007, a população mundial vivendo nas cidades ultrapassou os 50% pela primeira vez na história

→ Em 2030, seis em cada dez pessoas serão moradores da cidade, aumentando para sete em 2050

As questões de saúde envolvem as relações nas quais as pessoas estão inseridas, tornando a saúde um produto de fatores relacionados com a qualidade de vida, como os econômicos, sociais, culturais, ambientais



URBANIDADE. Mulher passa diante de muro grafitado em São Paulo; preocupação com o bem-estar nas cidades é tema de fórum mundial

FÓRUM DISCUTE E DEFENDE REVITALIZAÇÃO DE METRÓPOLES DO MUNDO INTEIRO

Especialistas franceses e brasileiros apresentaram no Fórum Urbano Mundial 5 (FUM5), que aconteceu entre os dias 22 e 26 de março, na Zona Portuária do Rio de Janeiro, 25 projetos de recuperação dos centros de cidades brasileiras. O evento abordou a evolução das

iniciativas de preservação dos centros históricos e apontou as tendências para os próximos anos.

Um dos projetos destacados foi o Cidade-Brasil, criado com cooperação do governo francês. Ele prevê reabilitação de degradadas áreas urbanas brasileiras, como Recife e Salvador, e

da zona portuária do Rio de Janeiro. O objetivo do projeto é conter a periferização das grandes cidades e possibilitar a ampliação do acesso à habitação pelo mercado formal – contribuindo para o bem-estar de moradores.

O arquiteto Renato Balbim, ex-gerente do

Programa de Reabilitação das Áreas Urbanas Centrais do Ministério das Cidades, argumentou que a participação do governo federal é fundamental no projeto, já que, em muitas cidades, 60% dos imóveis ociosos localizados nos centros pertencem à União.

O urbanista Milton Botler apresentou o projeto de revitalização de Recife, que, além de tornar habitáveis vários imóveis e regiões que se encontravam abandonadas, tem um importante traço social e ambiental: “Tiramos 1.200 famílias que viviam em palafitas e lhes demos um imóvel digno. E estamos investindo em parques na beira dos rios, para que a qualidade ambiental seja recuperada”, afirmou.

Apenas 2,3% das calorias totais

ingeridas pela maioria dos brasileiros vêm de frutas, legumes e verduras, ou um terço do que recomenda a OMS. A Embrapa lançou campanha para incentivar o consumo desses alimentos. www.ctaa.embrapa.br/produtos/pub-download.php

CONSELHO ORIENTA A LIDAR COM HIV NO TRABALHO



Empresas de todos os portes que desejam participar da prevenção do HIV com projetos de conscientização e promoção à saúde para os seus funcionários contam, no estado de São Paulo, com o apoio do CEAIDS (Conselho Empresarial de Prevenção ao HIV/AIDS do Estado de São Paulo), órgão que, desde 2005, mobiliza e sensibiliza ações contra o HIV dentro do ambiente corporativo.

Para facilitar o acesso às informações, o CEN (Conselho Empresarial Nacional para Prevenção ao HIV/AIDS) elaborou o Manual de Implantação e Implementação de Programas e Projetos de Prevenção ao HIV e AIDS no Local de Trabalho.

A proposta é que organizações de empregadores e de trabalhadores divulguem os dez princípios que norteiam as ações da luta contra a AIDS no local de trabalho: reconhecimento do vírus como questão relacionada com o local de trabalho, não discriminação, igualdade de

gênero, ambiente de trabalho saudável, diálogo social, *screening* para fins de exclusão do emprego ou de atividades de trabalho, confidencialidade, manutenção do emprego, prevenção e assistência e apoio.

Compareça a uma reunião aberta do Conselho para saber como sua empresa pode participar e usufruir das palestras e oficinas com especialistas.

www.cenaids.com.br
faleconosco@ce aids.com.br
duvidas aids@crt.saude.sp.gov.br

CURSO ABORDA GERÊNCIA DE QUALIDADE DE VIDA E ESTRESSE

Nos dias 16 e 17 de abril a Unifesp realiza o curso Qualidade de vida: estresse – fisiologia e gerenciamento que tem como objetivo abordar a fisiologia do estresse, a prevenção e o tratamento. Palestrantes e público também analisarão os novos métodos de redução do estresse (respiração diafragmática, relaxamento muscular progressivo e biofeedback).

O público-alvo é formado por profissionais e estudantes da área da saúde e gestores de recursos humanos.

Anf. Álvaro Guimarães
Rua Botucatu, 862, Edifício de Ciências Biomédicas, Vila Clementino - São Paulo/SP. Investimento: R\$ 300. Inscrições pelo site: <http://proex.epm.br/>

LIVROS

Cultura e alimentação

Autores: Danilo Santos de Miranda e Gabriele Cornelli
Edições SESC SP
www.lojasescsp.org.br



Quadro das relações que a alimentação pode gerar, o livro demonstra como a escolha do cardápio está associada a fatores mais complexos que necessidade e costumes nutricionais. Fruto do seminário homônimo realizado no SESC Vila Mariana em 2006, traz textos de historiadores, teólogos, filósofos, antropólogos, cozinheiros e economistas.

Livro de Receitas do Programa Mesa Brasil SESC São Paulo

Coletânea de receitas alternativas que diminuem o desperdício de alimentos, aproveitando cascas, talos e folhas, editada pelo Programa Mesa Brasil, uma ação social do SESC São Paulo revestida pelo compromisso educativo que tem como principal objetivo combater simultaneamente o desperdício de alimentos e a insegurança alimentar e nutricional. Disponível no www.sescsp.org.br/sesc/mesabrasilsp

Guia de Saúde Bucal do Educador



Direcionada a pais e educadores, a obra parte de ampla pesquisa dos Programas de Saúde e Odontologia da instituição, com a colaboração de nutricionistas, educadores e comunicadores. Disponível no www.sescsp.org.br

São Paulo Imaginada



CIDADE-SUJEITO. O viaduto Santa Ifigênia, em São Paulo

EXPOSIÇÃO RETRATA IMAGINÁRIOS URBANOS

Através de 50 fotografias selecionadas, o pesquisador Armando Silva (Universidade Nacional de Bogotá, Colômbia) convida a uma reflexão sobre o espaço urbano que transcenda seu aspecto físico, arquitetura e paisagem, e toque na representação profunda que as cidades evocam. Esse é o mote da exposição Cidades Imaginadas Iberoamericanas, no MAC USP Ibirapuera, com curadoria de Lisbeth Rebollo Gonçalves.

Cidades Imaginadas Iberoamericanas

Quando: de 8 de abril a 23 de maio. Horário: terça a domingo, das 10h às 18h. MAC USP Ibirapuera. Pavilhão Ciccillo Matarazzo, 3º piso (prédio da Bienal, acesso pela rampa lateral). Entrada franca. <http://www.mac.usp.br/mac>

Urbanidade e bem-estar. O aumento exponencial das populações urbanas nas últimas décadas vem desafiando especialistas a reverem paradigmas e a pensarem as cidades como organismos vivos, cuja “saúde” afeta, por sua vez, o bem-estar de todos os seus moradores.

texto: Chico Spagnolo e
Alexandre Agabiti Fernandez
fotos: Flavita Valsani

SAÚDE NA CI



ZAZEN. Monge budista medita no alto do edifício Copan, em São Paulo



A população urbana mundial ultrapassou a rural recentemente, inaugurando uma nova etapa da história da humanidade, o que trouxe novos e extraordinários desafios para os atores envolvidos na formulação e implementação de políticas públicas em diversas áreas. Na década de 1950, o planeta tinha 86 cidades com mais de um milhão de habitantes. Hoje são 400, sendo 15 no Brasil. A região metropolitana de Tóquio é, de longe, a mais populosa, com 35,6 milhões de habitantes; seguida pela Cidade do México, com 19,1 milhões; Nova York, com 19 milhões; Bombaim, com 18,8 milhões, e a Grande São Paulo, a quinta colocada, com 18,5 milhões de pessoas.

Segundo dados do Banco Mundial, cerca de 90% do crescimento da população urbana acontece nos países em desenvolvimento – como o Brasil –, a uma velocidade entre cinco e dez vezes superior à verificada nas economias industrializadas avançadas. Esse descompasso na velocidade do crescimento populacional coloca os países em desenvolvimento no epicentro da atual transformação demográfica global. É justamente nesses países que se concentra a maior parte da população pobre do planeta, a que mais sofre com condições inadequadas de moradia, vive sem acesso aos serviços básicos e ainda está exposta à contaminação ambiental típica do desenvolvimento, como a poluição por produtos químicos e a poluição atmosférica.

O ritmo avassalador da expansão da urbanização, associado à multiplicação do número de cidades, dificulta o controle do crescimento, leva a um desenvolvimento não planejado das comunidades e implica em sérias agressões ao meio ambiente – que por sua vez influenciam a saúde e a qualidade de vida. “A urbanização sem precedentes, com desdobramentos físicos, sociais e econômicos, fez com que a



SARJETA. O acúmulo de lixo e a dificuldade em lidar com o refugo de uma sociedade profundamente consumista tornam o ambiente urbano menos saudável



A urbanização acelerada dificulta o controle do crescimento e propicia sérias agressões ao ambiente – que por sua vez influenciam a saúde e a qualidade de vida



cidade se tornasse um ambiente insalubre porque as chamadas necessidades básicas da população não são supridas”, afirma o Dr. Nelson Gouveia, do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

No começo do século passado, algumas iniciativas de planejamento urbano no Brasil foram bem-sucedidas no que se refere ao saneamento básico. Um exemplo disso é o projeto da rede de esgotos e de águas pluviais da cidade de Santos, criado pelo engenheiro sanitarista Francisco Saturnino de Brito (1864-1929) em 1912, o mais avançado do país na época. O sistema livrou a cidade de epidemias e foi determinante para sua qualidade de vida. “Brito mudou o modo de pensar e desenhar a cidade, foi um pioneiro cuja influência ultrapassou nossas fronteiras”, afirma Ângelo Bucci, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

“Em 1926, Brito fez um projeto com barragens para regular a vazão do rio Tietê, que passaria a ser um armazenamento hídrico substancial à população. O sistema de barragens ajudaria a evitar enchentes, mas o projeto foi vetado”, explica Bucci. “Em São Paulo, a opção foi urbanizar sem que as obras de infraestrutura urbana acompanhassem o crescimento da população. Ou seja, houve ocupação das margens do rio, mas não foram previstas áreas para o aumento natural das águas. Tais ações imediatistas foram catastróficas no futuro”, observa.

Mas existem alternativas. Bucci diz estar otimista, porque essas questões estão se tornando foco de interesse internacional, há mais mobilização dos moradores e hoje temos condições de fazer obras que nunca fizemos. “Não é um problema de escolha de projetos, mas o de regular os interesses. A palavra-chave é infraestrutura. A falta de áreas verdes em São Paulo, o saneamento básico, todos esses parâmetros podem ser traduzidos como medida da saúde de população. O órgão que



HOMEM VERSUS MÁQUINA. O modelo de urbanização em São Paulo privilegiou o transporte individual; carros têm mais espaço que pessoas

rege as construções de obras se chama Código Sanitário Brasileiro: há uma grande conjunção entre saúde e planejamento. O problema é que a saúde é vasta, engloba o controle de doenças urbanas, mas não é só isso, também é ter áreas verdes”, analisa.

O impacto provocado pelos processos produtivos na saúde dos moradores das cidades é uma questão bastante complexa. Os processos produtivos e os padrões de consumo determinam a organização social, geram pressão sobre o ambiente e podem ser vistos como frutos ou como produtores de desigualdades relacionadas ao acesso aos serviços de saúde e à distribuição de riscos. “Os problemas ambientais na cidade, decorrentes da urbanização predatória sobre o

ecossistema, revelam também a fragilidade das políticas de saúde que contemplam a relação com o ambiente”, afirma Nelson Gouveia.

A crescente preocupação com a saúde nos grandes centros urbanos vem chamando a atenção de profissionais de diversas áreas, e uma disciplina voltada aos temas relacionados à saúde – especificamente no contexto urbano – está se consolidando em todo o mundo: a saúde ambiental urbana.

Os aspectos essenciais da saúde ambiental urbana contemplam a infraestrutura de serviços como água, saneamento, coleta e destinação adequadas de lixo, serviços de saúde, controle da poluição atmosférica, além de

moradia e emprego. No Brasil, a oferta dos serviços de saneamento básico apresentou uma grande expansão nas últimas décadas, mas tem sido insuficiente para suprir a demanda. “Apesar do aumento percentual da população servida por saneamento adequado nas diversas regiões brasileiras, e da diminuição na mortalidade infantil por doenças diretamente relacionadas a esse serviço, como a diarreia, ainda persiste um grande diferencial entre as regiões brasileiras, principalmente em relação à cobertura de saneamento básico. E mesmo dentro das regiões com melhores índices de cobertura de saneamento ainda existem grandes diferenciais intrarregionais

O Brasil tem 15 das 400 maiores

cidades do mundo, com população superior a 1 milhão de habitantes - a Grande São Paulo é a quinta colocada. Inchaço reflete na saúde dos moradores.

e intraurbanos, que se refletem nas condições de saúde das populações vivendo nestas áreas”, observa Gouveia.

Outro problema do meio ambiente urbano é o lixo. No Brasil são produzidas anualmente cerca de 83 milhões de toneladas de lixo. Desse total, apenas 40,5% tem destinação adequada (36% para aterros sanitários, 3% para compostagem, 1% reciclado por separação manual e 0,4% para incineração). Ainda existe um sério agravante: uma parte considerável desse lixo não é nem sequer coletada e termina em ruas, terrenos, rios e córregos. “Isso aumenta o índice de enchentes em épocas de chuvas e também provoca a proliferação de moscas, ratos e baratas, que ocasionam problemas diretos e indiretos à saúde”, comenta.

Nosso modelo de desenvolvimento também ocasiona considerável poluição atmosférica, notadamente por emissões de monóxido de carbono (CO) oriundas de veículos automotores, que provocam uma série de doenças respiratórias e cardíacas. Segundo relatório divulgado em março pelo Ministério do Meio Ambiente, em 2009 as emissões de monóxido de carbono por parte de automóveis e motocicletas corresponderam a 83% do total desse gás no transporte rodoviário. Os ônibus responderam por apenas 2% das emissões.

Tais dados revelam o fracasso do modelo de transporte adotado no país, que privilegia o individual em relação ao coletivo, ao contrário do que acontece nos países desenvolvidos, principalmente os europeus. Ao longo das últimas três décadas, entretanto, as emissões de monóxido de carbono vêm caindo, apesar do crescimento da frota de veículos, que pulou de 7,5 milhões em 1980 para 21,1 milhões em 2008. Isso foi possível graças ao estabelecimento de políticas públicas que determinaram limites máximos de emissões de CO no fim dos anos 1980. As emissões de CO por veículos atingiram o recorde de 5,5 milhões de toneladas em 1992, caindo para aproximadamente 1,5 milhão em 2009.



Apenas 40% do lixo produzido pelos brasileiros tem destinação adequada. A falta de infraestrutura provoca enchentes e a proliferação de pragas, com impactos na saúde

A liberação de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera como resultante da queima de combustíveis fósseis, entretanto, não para de crescer: pulou de 60 milhões de toneladas em 1980 para 140 milhões em 2008. Um dos responsáveis pelo aquecimento global, o CO₂ não teve limites de emissão estabelecidos pelo governo.

Por outro lado, a urgente implementação da redução do conteúdo de enxofre na gasolina e no óleo diesel tem sido sucessivamente adiada por pressão da indústria automobilística e de refinarias. Foi só depois de grande pressão da sociedade civil que o Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) aprovou, em setembro do ano passado, a resolução que antecipa para 2012 a adoção de um diesel menos poluente no Brasil. Essa aprovação da resolução não garante que o novo diesel chegará ao mercado: a sociedade civil deve continuar alerta e exigir a aplicação da norma.

Sendo a cidade um todo fragmen-



CORRERIA. Seja oprimido fisicamente por um vagão lotado do metrô, seja preocupado com a falta de tempo para a alimentação e a dedicação a projetos pessoais, o cidadão das grandes metrópoles vive sob constante estresse

tado, disperso e em permanente mutação, com a criação de novas áreas de escritórios, novos bairros residenciais no lugar de antigos bairros industriais, condomínios de luxo indo para a periferia, surgem novas centralidades que implicam em efeitos significativos na saúde urbana. Distinguimos diferentes usos do espaço urbano, com diferentes conteúdos sociais: de zonas de pobreza absoluta a regiões residenciais fechadas e excludentes.

“As questões ambientais estão profundamente relacionadas às práticas cotidianas da cidade. Por causa disso, o método e a ação da saúde ambiental devem combinar conhecimento técnico e envolvimento com o mundo da vida”, argumenta Nelson Gouveia.

Neste contexto, a moradia é um espaço de construção e consolidação do desenvolvimento da saúde, é o principal espaço de sociabilidade da família. Entretanto, o crescimento urbano nem sempre vem acompanhado de investimentos adequados

em infraestrutura habitacional para garantir a qualidade ambiental nesse espaço construído e no seu entorno. Favelas e cortiços são abundantes nas grandes cidades brasileiras, implicando em contingentes enormes da população vivendo em condições às vezes subumanas, sujeitos a inúmeros fatores de risco à saúde relacionados à má qualidade da habitação, como condições térmicas precárias, umidade, mofo, má ventilação, infestação por insetos e roedores, falta de água, esgoto e coleta de lixo.

Um último fator de risco à saúde da população urbana é a exposição a agentes químicos por meio do ar, da água e dos alimentos. Avaliar o risco da população exposta é o primeiro passo para prevenir ou minimizar o problema. A detecção precoce de uma exposição perigosa pode diminuir bastante a ocorrência de efeitos nocivos à saúde. O monitoramento da exposição ambiental permite que se estabeleçam medidas de prevenção e controle.

PRATO (MAL) FEITO

A urbanização e a globalização estabeleceram novos modos de vida, impondo formas de consumo alimentar, afetando o paladar e os aportes nutritivos. As novas práticas alimentares trouxeram vários efeitos perversos à saúde. “A população urbana consome atualmente altos níveis de gordura, açúcares e poucas fibras.

Isso agrega poucos nutrientes bons e acumula outros que podem causar algum problema de saúde”, afirma a Dra. Viviane Laudelino Vieira, nutricionista do CRNUTRI (Centro de Referência para a Prevenção e Controle de Doenças da Faculdade de Saúde Pública da USP).

Essa “dieta urbana” provoca o excesso de peso, “problema que no mundo atual apresenta níveis mais alarmantes do que a desnutrição”, observa. A alimentação pobre em fibras e rica em gorduras e açúcares traz mais problemas: pressão alta, diabetes, diminuição do HDL (colesterol bom), entre outros.

O morador das grandes cidades mal tem tempo para se alimentar. As refeições feitas em conjunto, em casa, em horários fixos e com um cardápio planejado estão desaparecendo. Comer fora de casa se tornou rotina.

Os novos produtos alimentares fabricados pela indústria conquistam um público cada vez maior. Além da pobreza nutricional destes alimentos, muitas vezes eles não sofrem nenhuma forma de controle a respeito da origem, das condições de armazenamento dos ingredientes e das condições de produção.

O modo de vida urbano tem ainda outro aspecto nocivo: o sedentarismo. “Além da pouca prática de esportes, o habitante das cidades tem um baixo gasto energético nas rotinas diárias, em que anda pouco a pé. Até em casa ele se mexe pouco, graças ao controle remoto da TV.”

“O desafio da saúde ambiental é criar melhor qualidade de vida a partir de práticas voltadas para os determinantes e condicionantes da saúde. Essas práticas procuram construir alternativas na promoção da saúde e prevenção das doenças, avançando na produção plural de espaços saudáveis para assegurar a defesa do ambiente e da saúde”, destaca Nelson Gouveia. Para tanto, é fundamental

ampliar o conhecimento da cidade e de sua complexidade.

Alguns agentes da sociedade civil participam ativamente da construção desse conhecimento indispensável. Um deles é o Movimento Nossa São Paulo, que “pretende construir uma força política, social e econômica capaz de comprometer a sociedade e os sucessivos governos com uma agenda e um conjunto de metas visando oferecer melhor qualidade de vida para todos os habitantes da cidade”, segundo Maurício Broinizi, coordenador da Secretaria Executiva do Movimento.

Em 2008, a entidade apresentou aos candidatos à Prefeitura de São Paulo um documento com 1.500 propostas – sendo 200 na área da saúde – baseado nos indicadores do Observatório Cidadão, banco virtual de dados do Movimento, e no 1º Fórum Nossa São Paulo, série de reuniões realizadas em empresas, associações, sindicatos e escolas para recolher sugestões para melhorar bairros, subprefeituras e a cidade.

No ano passado foram apresentadas ao prefeito Gilberto Kassab referências de metas de qualidade de vida nos padrões internacionais e



LABIRINTOS. Com planejamento falho, atropeladas pelo crescimento explosivo, cidades como São Paulo criam espaços áridos ao cidadão

“As questões ambientais estão profundamente relacionadas às práticas cotidianas da cidade”

“O desafio da saúde ambiental é criar qualidade de vida a partir de práticas voltadas para os determinantes e condicionantes da saúde”

Nelson Gouveia

também municipais. “Mostramos dados de ONU, OMS, Unesco, mas também usamos como base de comparação dados das subprefeituras da cidade que alcançaram um bom nível”, conta Broinizi.

Ainda em 2009, em parceria com o Ibope Inteligência, o Movimento Nossa São Paulo realizou a pesquisa IRBEM (Indicadores de Referência de Bem-estar no Município), que abordou 25 temas relativos à qualidade de vida na cidade. No campo da saúde, o estudo revelou que a população, representada por 36 mil pessoas ouvidas na pesquisa, ainda preza pelo aspecto

assistencial diante dos quesitos preventivos e de promoção da saúde. “Há um índice elevado de reivindicações sobre a saúde da família e sobre a insuficiência de equipamentos para o atendimento. O objetivo da pesquisa é orientar ações de empresas, organizações, governos e toda a sociedade, tendo como foco principal o bem-estar das pessoas”, aponta o Dr. Mário Bracco, responsável pelo Grupo de Trabalho (GT) de Saúde do Movimento. “Nossa principal função é estimular as pessoas a ‘ocupar’ as cidades”, diz.

Em 30 de março de 2010, o Movimento lançou uma publicação que compara o IRBEM aos indicadores técnicos da cidade, às referências de metas pra melhorar os indicadores da cidade e às 223 metas lançadas pela Prefeitura na agenda 2012.

O Movimento Nossa São Paulo é um dos organizadores de uma iniciativa bastante conhecida, o Dia Mundial Sem Carro, que acontece em várias cidades desde 2001. Mais do que estimular as pessoas a deixarem seus carros na garagem durante um único dia, a proposta de mobilização tem sido enfatizar a luta por um transporte público de qualidade, por menos poluição do ar, por respeito ao pedestre, pelo incremento das ciclovias, pela mobilidade urbana.

Outra entidade com destacada atuação é o Centro de Promoção da Saúde (Cedaps), ONG do Rio de Janeiro. A instituição conseguiu formar, em 2009, um grupo com mais de 1300 pessoas – entre profissionais de saúde, educação, representantes comunitários e moradores capacitados na educação e prevenção de doenças. O grupo elaborou 1.100 projetos (números de junho de 2009) de ajuda direta a mais de 50 mil moradores. Segundo Kátia Maria Braga Edmundo, coordenadora executiva da organização, a atuação do Cedaps é estruturada nos pilares de “noção de território, fortalecimento da capacidade dos grupos populares e o estímulo de ações desenvolvidas pelas e nas próprias comunidades”. ■

“VERTICALIZAÇÃO AFETA SAÚDE MENTAL”, DIZ AZIZ AB’SABER

O geógrafo Aziz Ab’Saber estuda a ocupação do espaço há 65 anos. Para ele, a frenética verticalização paulistana e o sistemático desrespeito ao ambiente cobram seu preço, afetando a saúde, inclusive mental, de seus moradores. Leia a seguir trechos da entrevista que o estudioso concedeu aos Cadernos de Cidadania do SESC São Paulo.

Capitalismo vertical “É um tema muito sério. Ando preocupadíssimo com algumas coisas que vêm acontecendo e que estão relacionadas ao capitalismo verticalizado que quase não tem mais como ser controlado. Esse capitalismo verticalizado da gente que aplica dinheiro em massa na construção de blocos altos, de 30 a 40 andares, em lugares onde anteriormente existiam apenas casas e sobrados baixos.”

“Então essa conquista do céu sem preocupação nenhuma, nem com os que vão morar lá nem com o tráfego que vai se intensificar até o impossível,

é um dos maiores problemas que a cidade de São Paulo enfrenta. Afeta a saúde mental das pessoas pela dificuldade de transporte, pelos congestionamentos fantásticos.”

Transporte “Eu cheguei a São Paulo em 1940, acompanhei os problemas que foram acontecendo. São Paulo demorou demais para ter metrô. Por outro lado, quando iniciaram o metrô, fizeram linhas, mas não há uma rede. Em cidades que eu conheço existe uma rede de metrô, tantos nos bairros centrais quanto nos mais afastados.”

Circulação e ambiente “São Paulo tinha, no começo do século passado, segundo as observações de Belfort de Matos [1862-1926], 18,6°C de temperatura média na área que corresponde ao centro expandido. Agora tem 21,8°C. Isso que está acontecendo dentro da cidade em relação ao calor também é muito sério.”

“Arrasaram áreas pra preparar os prédios de vários andares. Onde está a preocupação dos governos? Eu penso num futuro em diferentes tempos, não apenas num horizonte de quatro anos.”

intervenção

Desvios

2010, grafite em tinta acrílica

Base-V

é um coletivo formado em 2002 pelos artistas plásticos David Magila, Danilo Oliveira e Anderson Zansky

“Quando pensamos na cidade de São Paulo nos vem à mente confusão: amontoados de coisas, aglutinação de pessoas, carros, prédios e orelhões. Em contraste a essas pequenas áreas repletas de elementos, adicionamos espaços vazios, que representam, por exemplo, um passeio à periferia, onde há grandes áreas verdes, ainda que pontuadas por alguns elementos urbanos”

David Magila





intervenção: “making of”



INTERDIÇÃO ARTÍSTICA Integrantes do coletivo Base-V no primeiro dia de pintura de paredes de sete andares da ala Paes Leme, no SESC Pinheiros

Território criativo

texto: Flavia Galembeck
fotos: Flavita Valsani

Em nova intervenção no SESC Pinheiros, o coletivo Base-V revisita o tema da urbanidade e da ocupação dos espaços públicos nas paredes das escadarias entre o segundo e o sétimo andar da ala Paes Leme. A economia das formas dos artistas contrasta cores vibrantes para fazer um contraponto entre convivência e isolamento, natureza e artificialidade no cotidiano da metrópole.



Esqueça o hábito de subir escadas encarando o bico dos sapatos. Você terá muito o que ver na intervenção “Desvios” feita pelo Coletivo Base-V nas paredes das escadas da ala Paes Leme, que vão do térreo ao sétimo andar do SESC Pinheiros, em São Paulo. Até o final de junho, a obra convida os olhos a percorrer esse espaço e à reflexão sobre a geografia espacial das metrópoles.

À medida que o visitante avança nos degraus, depara-se com um imenso caderno de viagens da maior metrópole da América Latina. Porque se locomover por esse território é muitas vezes isso mesmo, uma viagem. E foi pensando nessa jornada que o coletivo desenvolveu o conceito do trabalho.

Com elementos da paisagem da cidade, em traços firmes pontuados pelo plano de fundo com cores artificiais, inspirados nos corantes de alimentos processados, como o azul esverdeado, o amarelo bege e o laranja, trata-se de um exercício de observação da ocupação e interação entre os diferentes elementos desse território.

A intervenção mostra paisagens urbanas incompletas, soltas na malha urbana, o que estimula o observador a fazer sua própria interpretação dos espaços ocupados e dos vazios, da presença e da ausência.

“Quando pensamos na cidade de São Paulo nos vêm à mente confusão, amontoados de coisas, aglutinação de pessoas, carros, prédios e orelhões. Em contraste a essas pequenas áreas repletas de elementos, adicionamos espaços vazios, que representam, por exemplo, um passeio à periferia, onde há grandes áreas verdes, ainda que pontuadas por alguns elementos urbanos”, explica David Magila.

A urbanidade e a ocupação de espaços é um tema recorrente nos trabalhos assinados por Magila, Danilo Oliveira e Anderson Zansky, que atualmente formam o coletivo Base-V.



TRIO DAS ARTES Da esquerda para a direita, David Magila, Anderson Zansky e Danilo Oliveira, do coletivo Base-V

A intervenção mostra paisagens urbanas incompletas, soltas na malha urbana, o que estimula o observador a fazer sua própria interpretação dos espaços

Na opinião de David, muitas das intervenções do grupo, se retiradas do local de origem, não teriam a mesma força, porque a obra dialoga com aquele espaço. Como a que foi feita na sala de internet do próprio SESC Pinheiros e que reproduziu na parede de vidro, com adesivos, as formas das mesas e cadeiras da sala, em 2005. A totalidade dos elementos era percebida à medida que o expectador se afastava daquele ambiente. Ou em outro trabalho, na reprodução da cerca de arame no SESC do Carmo, que se estendia para o muro, interagindo com a paisagem e outros elementos.

Eles também integraram a mostra Graphias - do papel ao pixel, na Galeria Marta Traba, que reuniu artistas de artes visuais e grafismo de dez países e ficou em exposição até o fim de janeiro deste ano, no Memorial da América Latina. Com a obra Imagem Mera-mente Ilustrativa, um painel gigante (7 metros de largura por 4 metros de



altura), o trio reproduziu uma esquete de folheto publicitário de um imaginário lançamento imobiliário, em carvão. O realismo da peça ficou por conta de um pequeno detalhe (de 50 cm), que mostrava uma menina e sua mãe, pintadas em tinta óleo, dentro da piscina do empreendimento.

Versátil, o trio afirma não ter uma assinatura e utiliza diversas técnicas, como serigrafia, xilogravura, estêncil, pintura, desenho, e variadas mídias e materiais, o que confere múltiplas identidades a seus trabalhos. “A cada obra a gente se reinventa em função do ritmo, do local, do material, da técnica e das próprias referências que vamos coletando ao longo do tempo, como cinema e música, e que, de uma certa forma, também interferem no resultado final do trabalho”, afirma Magila. Colegas do curso de Artes Plásticas da Unesp em São Paulo, eles fundaram o coletivo em 2002, inicialmente com a Revista VI, que possibilitava

a colaboração de diversos artistas. Em seguida, eles criaram o site www.base-v.org, em que ainda mantém essa filosofia colaborativa, com espaço para trabalhos de outros artistas.

Outros integrantes já entraram e saíram do grupo, como Rafael Coutinho, Ricardo Ruiz e Luis Ravagnani. Da formação original sobraram os três, que há oito anos se encontram religiosamente no estúdio sediado na Aclimação. “A nossa convivência é muito rica e nós três temos muitas similaridades e muitas diferenças”, afirma Magila. Amigos e colegas de trabalho, os três juntos experimentam e exploram a potencialidade urbana e se esquivam de rótulos e modismos. ■

SERVIÇO

“Desvios”- Coletivo Base-V

SESC Pinheiros- Ala Paes Leme. De 07/04 a 30/06. Terça a sexta, das 13h às 21h30; Sábados e domingos, das 10h às 18h30. Gratuito

“O trabalho com a educação não formal e a promoção de hábitos saudáveis permeiam todas as ações do SESC São Paulo. São conceitos que representam um papel importante quando buscamos tornar efetivos o bem-estar e a qualidade de vida no dia a dia das pessoas”

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional SESC São Paulo



Nina Orlow se dedica a praticar e a ensinar cidadania em tempo integral. Arquiteta de formação, ela participa de três movimentos sociais: a Agenda 21 Local, que congrega ações regionais pelo cumprimento das metas do Milênio, o Movimento Nossa São Paulo, do qual o SESC SP também é parceiro, e o movimento Nós Podemos São Paulo. Em comum, os três visam estimular a cidadania e o desenvolvimento sustentável.

“Só cumprir as Metas do Milênio não vai resolver o problema de todos”

*texto: Flavia Galembeck
fotos: Flavita Valsani*

Tudo começou em 2000, durante a Eco-92, conferência mundial da Organização das Nações Unidas, no Rio de Janeiro. Nessa ocasião, os países membros das Organizações das Nações Unidas (ONU), se comprometeram a melhorar a qualidade de vida das populações e a estimular um modelo de desenvolvimento sustentável para o planeta.

O roteiro de como implementar essas ações foi chamado de Agenda 21 Global, que aborda quatro itens: as dimensões sociais e econômicas, a conservação e gestão dos recursos para o desenvolvimento, o fortalecimento do papel dos grupos principais e os meios de implementação. Mas para que esse roteiro se transformasse efetivamente em ações era preciso regionalizar esse como fazer e o que fazer, por conta das imensas diferenças culturais e econômicas de cada região. A saída foi a descentralização, com a Agenda 21 Local, que busca a formação de núcleos que representem a real necessidade da população de uma determinada área. Qualificados, esses cidadãos passam a exercer sua cidadania de fato, cobrando e apresentando propostas para os governos locais, apoderando-se das soluções dos problemas da sociedade. Tudo dentro dos conceitos de desenvolvimento sustentável.

Leia, abaixo, os principais trechos da entrevista que a arquiteta e multiplicadora Nina Orlow concedeu aos Cadernos de Cidadania do SESC SP.

SESC SP: Onde está sediada a Agenda 21 Global?

NINA ORLOW: Esse movimento, o Movimento de Cidadania e Solidariedade, está no gabinete da Presidência da República. O Estado de São Paulo formou um grupo de objetivos do milênio, em setembro de 2009. Isso está acontecendo em todos os Estados através do movimento Nós Podemos, que está em tese sediado nas federações das



OBJETIVA. A arquiteta Nina Orlow representou a Agenda 21 MacroSul, de olho na superação das Metas do Milênio

“O fato de termos alcançado a meta inicial [contra a pobreza] não significa que estamos bem, porque há ainda muita gente passando fome”

“Assim que superamos uma meta, estabelecemos outra, e é assim que vamos melhorando”

indústrias, e é uma inovação porque o segundo setor não participa muito da Agenda 21, dos fóruns. O inspirador para esse movimento foi a FIEP do Paraná, e o secretário-executivo desse movimento, o Rodrigo Loures, é presidente da Federação da Indústria daquele Estado.

Quais são os avanços da Agenda 21?

A Agenda 21 Global preconiza que as ações sejam locais. A cidade de São Paulo aglomera 35 municípios. Somos a favor da descentralização, e a Agenda 21 prescinde do poder público, o que dificulta muito porque a sociedade se divide em dois blocos: os que concordam com o poder público, que votaram e que não querem perceber os erros da administração eleita, e os que discordam integralmente. Trabalhar localmente e sentar em uma mesa junto com o poder público é um desafio.

Quais são os objetivos das Agendas 21 locais?

Todas as Agendas 21 locais trabalham com os Objetivos do Milênio. Temos que cumprir as metas propostas, que são o combate à fome e à pobreza. O primeiro governo Lula já cumpriu essa meta. Então novas metas já foram estabelecidas porque o fato de termos alcançado a meta inicial não significa que estamos bem, porque há ainda muita gente passando fome, há muita coisa a se fazer. E isso é difícil de as pessoas entenderem, inclusive os governos. Assim que superamos uma meta, estabelecemos outra, e é assim que vamos melhorando. O prazo para alcançarmos as metas iniciais estabelecidas em 2000 é 2015.

Como está essa questão no Estado de São Paulo?

No Estado de São Paulo estamos checando como estão os Objetivos do Milênio. Estamos convidando todos os Cades regionais a virarem comitês dos Objetivos do Milênio, que é um

programa do PNUD (Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas), da ONU, para acompanhar e apresentar propostas.

Que tipo de dificuldade há no diálogo com o poder público?

O governo local deveria treinar seus interlocutores, ou seja, os funcionários da prefeitura, a ouvir quem pensa diferente. Eu diria que essa disposição para ouvir é alguém do que a gente gostaria, mas temos algumas iniciativas importantes e boas, que estão em andamento.

Como estão estruturadas as Agendas 21 locais na cidade de São Paulo?

Existem duas estruturas: o Cade, que reúne quatro secretarias da prefeitura municipal de São Paulo – Parceria e Participação, Esportes, do Verde e das Subprefeituras, que por sua vez fomentam a criação de estruturas em cada uma das 31 subprefeituras da cidade.

Nem todas as regiões têm conselhos. O processo de descentralização começou em 2008. A zona sul foi bem articulada e logo elegeu seus conselheiros. Das 31 regiões da cidade, umas 28 já têm conselho. Esses conselheiros também estão aprendendo o seu trabalho. Os conselhos englobam Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz.

“Temos que ter a visão da educação, da saúde, da moradia, porque esse conjunto permeia o desenvolvimento humano e a melhoria da qualidade de vida”

O que é Cultura de Paz?

É a prática da relação construtiva, não-agressiva, entre as pessoas, dentro da proposta de construção desse conselho, de como ele deve se articular, ser acolhedor, seguindo os conceitos da Carta da Terra. A Agenda 21 não fala de cultura de paz. Mas a prática disso tem que passar pela cultura de paz, que, por sua vez, passa pela boa educação, moradia pra todos... São conceitos de cidadania. Então temos que ter também a visão da educação, da saúde, da moradia. Porque na vida de cada cidadão esse conjunto permeia o desenvolvimento humano e a melhoria da qualidade de vida.

Como está a questão da descentralização desse processo?

Hoje em dia não está muito descentralizado, já esteve melhor. Por exemplo, a Secretaria da Assistência Social não está dentro da Subprefeitura. Então, o morador que mora em MBoi Mirim tem que ir não sei aonde para saber da saúde porque não necessariamente a subprefeitura daquela região tem a informação. Muitas vezes o subprefeito desconhece o que acontece nas outras áreas. Não há muita integração. E existe o desafio de você propor política pública. O subprefeito deveria ser um prefeito, com toda estrutura de Justiça, Câmara etc. MBoi Mirim seria a 35ª cidade do Brasil em número de habitantes e não tem uma estrutura autônoma.

Como é a relação com o poder público?

Há muita mudança desses interlocutores porque os subprefeitos não são eleitos, são indicados políticos, que ficam naquela posição apenas por um período de tempo. Em muitos casos os subprefeitos não participam das reuniões, mas mandam representantes. E não é incomum que esse interlocutor mude de função e o que ele fez se perca na transição de poder. Outra dificuldade é que muitas vezes os subprefeitos não são da região – a grande maioria



“Exercer a cidadania é isso: exigir coisas, protestar de forma organizada. É isso o que a gente quer trazer”

não é – e demanda tempo até que ele entenda os problemas da comunidade e apresente propostas. Quando um conselho está mais enraizado fica mais fácil de a gente exigir continuidade. Se é um conselho novo ou se o interlocutor muda com frequência fica mais difícil. A gente usa na agenda 21 local o passo a passo da Agenda 21 Global. O primeiro passo é conscientizar governo e sociedade. Então, sempre estamos no primeiro passo, que é meio que permanente. Sempre tem alguém pra conscientizar. São dificuldades que precisamos superar.

Em que outras áreas o avanço é lento?

O terceiro capítulo da Agenda 21 diz que a gente tem que trabalhar num aspecto fundamental que é o combate à pobreza. Então tudo o que você pensar que gere trabalho e renda é prioridade. Como a coleta seletiva do lixo, que é o ponto de partida de qualquer grupo de Agenda 21. Mas a coleta seletiva na cidade de São Paulo está aquém do que a gente pode imaginar. E não avança porque está excluída da pauta. A coleta seletiva tem que ser com catador, com as cooperativas, mas vira e mexe alguém quer inventar outro sistema em vez de oferecer a estrutura para que eles trabalhem com dignidade.

O volume de impostos para catadores é enorme. O custo de uma certidão, necessária para o convênio com a prefeitura, é de R\$ 500. Eles juntam o dinheiro e aí descobrem que precisam de outra certidão e até eles conseguirem os recursos, a primeira certidão já não vale mais. E começa tudo de novo. A microempresa consegue isenção de impostos, mas a cooperativa de catadores, não. Foi aprovada a lei de resíduos, que abre brecha para incineração, o que nós somos contra porque não gera trabalho. Vinte por cento dos resíduos que vão para a reciclagem são graças aos catadores, e essa é muitas vezes uma possibilidade de renda e dignidade para quem não tem tanta qualificação.

E na área da saúde?

São três os Objetivos do Milênio de saúde: combater AIDS, malária e dengue; acompanhamento das gestantes; redução da mortalidade infantil. Sabemos, pelos indicadores, que a situação é sempre pior para o negro, a mulher e a criança. A dengue avança no Estado. Nunca tive nenhum conhecimento nas Agendas 21 locais do quinto item, sobre o acompanhamento da saúde da gestante. Os fóruns locais não apresentaram projetos. Então já sabemos que provavelmente não vamos cumprir essa meta.

O que isso significa?

Significa que estamos abandonando nossas gestantes, que elas provavelmente não estão sendo acompanhadas e estão ingressando em um grupo de risco. Não há uma sanção.

METAS DO MILÊNIO – OBJETIVOS PARA 2015

- 1 → Acabar com a fome e a miséria
- 2 → Educação básica e igualitária para todos
- 3 → Igualdade entre os sexos
- 4 → Reduzir a mortalidade infantil
- 5 → Melhorar a saúde das gestantes
- 6 → Combater a AIDS e outras doenças
- 7 → Qualidade de vida e respeito ao meio ambiente
- 8 → Todo mundo trabalhando pelo desenvolvimento

Mas a gente não queria só cumprir as Metas do Milênio, gostaríamos de superá-las. Só cumprir a meta não vai resolver o problema de todos.

E a educação?

Educação, não sei ao nível de Brasil, mas acho que deixamos a desejar, assim como na igualdade entre os sexos. Acho que em São Paulo a meta foi cumprida, mas não chegamos ainda ao estágio que gostaríamos, que é condição de vida igualitária. As metas foram estipuladas em 2000 e para o mundo todo. Não adianta colocar uma meta lá em cima porque caso contrário isso desestimularia, por exemplo, a África. A Agenda 21 Local é que oferece a medida real. Houve avanço na mortalidade infantil, pode ser até que a meta tenha sido cumprida, mas sabemos que muitas crianças ainda morrem por falta de atendimento médico.

E como está a participação da sociedade?

A comunidade participa bastante, mas tem dificuldades de entender a questão orçamentária, por exemplo. O Movimento Nossa São Paulo fez uma cartilha, explicando como isso funciona, porque pedir algo para o qual não há verba também não adianta.

Há necessidade de capacitar a população para a mobilização e a ação cidadã para que ela saiba e compreenda onde pedir, o que pedir, e como aquele órgão específico funciona. Há algumas regiões do Brasil em que a Agenda 21 está presente nas escolas, para que as crianças possam aprender a exercer sua cidadania devidamente.

Tem o exemplo de uma turma de alunos de seis anos de idade que fez uma mini-passeata porque a comunidade jogou lixo no entorno da escola. Eles fizeram cartazes orientando as pessoas a não jogar lixo ali.

E exercer a cidadania é isso: exigir coisas, protestar de forma organizada. É isso o que a gente quer trazer. ■

Ambiência: espaços vivos que promovem saúde

texto: Carina Flosi
fotos: Flavita Valsani



Os locais onde moramos e trabalhamos não são feitos apenas de paredes, pisos e tetos, mas também de pessoas que neles se relacionam e se transformam



Na década de 40, o médico René Spitz descobriu que crianças criadas sem a presença da mãe, desvinculadas de qualquer laço afetivo, inclusive das pessoas que cuidavam delas, de modo totalmente impessoal, sofriam de perturbações físicas e mentais. Muitas adoeciam e morriam. O especialista chamou esse fenômeno de

hospitalismo: situação na qual afetos, desejos, sonhos e energia não mantêm, em um espaço, integração suficiente para acolher e gerar bem-estar. Ou seja, promover saúde. Ele concluiu que a energia ficava retida, estagnada, comprimida, produzindo as mais variadas doenças.

Com o passar das décadas, a pesquisa de Spitz ganhou dimensão e levou profissionais da saúde, arquitetos e empresários a repensarem a importância do meio como fator fundamental para a promoção e manutenção da qualidade de vida das pessoas, sejam elas crianças ou adultos. Formou-se, então, o conceito chamado ambiência, que é o

uso coletivo dos espaços em transformação constante.

Para a arquiteta Mirela Pilon Pesatti, consultora da Política Nacional de Humanização (PNH) do Ministério da Saúde, a saúde se adquire e se mantém através de práticas que levam em consideração não apenas as pessoas, individualmente, mas os contextos em que vivem, uma vez que o meio é fundamental tanto na produção da saúde quanto do mal-estar. “Por meio de oficinas de ambiência entre as comunidades e funcionários das unidades de saúde, demonstramos que os espaços não estão lá para serem contemplados, mas para serem usados e transformados”, explica.





O QUE É AMBIÊNCIA?

O termo designa o espaço físico, social, profissional e de relações interpessoais em sintonia com projetos voltados à atenção acolhedora, resolutiva e humana. A ambiência é orientada por três eixos principais:

1º espaço que visa o conforto

É importante conceber ambiências confortáveis e acolhedoras, de modo a favorecer a privacidade e individualidade dos usuários do serviço e trabalhadores que usam o espaço; valorizando a utilização de componentes do ambiente que interagem com as pessoas, em especial, a cor, a luz, as texturas, os sons, os cheiros e a inclusão da arte nas suas mais diferentes formas de expressão. Esses componentes atuam como qualificadores e modificadores do espaço, estimulando a percepção ambiental e quando utilizados com equilíbrio e harmonia, criam ambiências acolhedoras que podem contribuir no processo de produção de saúde e de espaços saudáveis.

2º espaço como facilitador do processo de trabalho

A ambiência isoladamente não altera o processo de trabalho, mas pode ser usada como uma ferramenta que contribua para as mudanças, através da coprodução dos espaços aspirados pelos profissionais de saúde e pelos usuários, com funcionalidade, possibilidades de flexibilidade, garantia de biossegurança relativa à infecção hospitalar, prevenção de acidentes biológicos e com arranjos que favoreçam o processo de trabalho.

3º espaço de encontros entre os sujeitos

O modo de produção coletiva dos espaços se relaciona ao método da inclusão adotado pela PNH (Política Nacional de Humanização) como um dispositivo de transformação, que propicie a criação de espaços coletivos (oficinas, rodas) para discussão e decisão sobre as intervenções que se fazem necessárias no espaço físico dos serviços de saúde.

SESC POMPEIA. Espaço de convivência foi concebido para ser acolhedor e promover a integração



HARMONIA. Espaços amplos e livres, planejamento acústico, funcionalidade e decoração ajudam a promover saúde no SESC Pompeia

Após as oficinas, os espaços são reformados para acolher, incluir e alterar todos os processos de atendimento de pacientes e acompanhantes. “A ideia é que as pessoas sintam-se pertencentes ao lugar. Além de promover espaços saudáveis e confortáveis, é premissa da PNH a valorização da ambiência como mudança das relações de trabalho”, acrescenta.

Na avaliação da coordenadora do Programa de Saúde do SESC São Paulo, Adriese Castro Pereira, a instituição já aplica a ambiência em todas as suas unidades, seguindo a tendência da promoção do bem-estar. “No SESC apenas estamos dando nome para algo que já fazemos. Olhamos o espaço como um local apropriado para as pessoas se encontrarem e trocarem experiências de uma forma descontraída e acolhedora”, afirma.

No ambiente corporativo, muitos empresários já orientam seus gestores de recursos humanos e de outras áreas a serem guardiões de uma

ambiência favorável à produtividade e à manifestação da potencialidade dos profissionais. “A saúde dos funcionários é a saúde da organização da qual participam e estão intrinsecamente ligadas”, explica a consultora de negócios Beia Carvalho.

Construções sustentáveis

Neste Dia Mundial da Saúde, algumas questões sobre a falta de espaços para as pessoas escutarem e compartilharem os sentimentos pessoais e profissionais ganharam evidência.

O Engenheiro Ambiental Henrique Ferreira Ribeiro, diretor geral da Ambiência Soluções Sustentáveis, explica que a aplicação dos conceitos de sustentabilidade e ambiência nas construções beneficia, diretamente, a saúde das pessoas que vivem ou trabalham nesses locais. “Nossas construções não utilizam materiais prejudiciais à saúde humana, como COV’s (Compostos Orgânicos Voláteis) e amianto. Além disso, criamos espaços arquitetônicos

que exploram ao máximo a ventilação e insolação natural, ingredientes que contribuem para a redução dos riscos à saúde e para a melhoria da qualidade de vida das pessoas”, explica.

A criação de condições favoráveis a uma ambiência de trabalho que estimula o desempenho dos empregados, assegurando o envolvimento e o comprometimento com os resultados empresariais desejados foi tema de uma pesquisa da Associação Nacional de Arquitetura Bioecológica.

Segundo a ANAB Brasil, as pessoas que frequentam construções sustentáveis têm alterações positivas de comportamento. Uma pesquisa divulgada pela associação revelou que 16% das pessoas tiveram melhoria da produtividade no trabalho. Já as vendas nos locais com iluminação natural aumentaram 40%, comparadas às realizadas em locais fechados. E para cada U\$ 1 investido na construção de edifícios sustentáveis, houve retorno de U\$ 11 relacionados à saúde e produtividade.



Ambiência em centros urbanos

A ausência de espaços acolhedores e a relevância deles para a saúde dos moradores dos centros urbanos que convivem em espaços degradados incentivaram a fonoaudióloga e especialista em saúde pública Lourdes D’Urso e o profissional de educação física e consultor em saúde e lazer Marcos Warschauer a participarem do programa “Caminhando para a Saúde”, que teve início em 2003 em Santo André, no ABC. “O conceito que norteou o grupo de caminhada foi o de promoção da saúde. Nosso objetivo foi melhorar a qualidade de vida da população incorporando hábitos saudáveis ligados a práticas corporais, além de incentivar a sociabilidade”, diz Lourdes.

Mesmo enfrentando dificuldades para encontrar locais adequados à prática da caminhada, pelo fato de muitas ruas serem movimentadas e acidentadas, o resultado da aplicação da ambiência em grupos de caminhada

surpreendeu a especialista. “Conseguimos ir além dos conteúdos da atividade física e do monitoramento físico, incentivando a formação de um grupo social, priorizando a solidariedade e a comunicação entre as pessoas”, enfatiza.

“Nossa experiência aponta que não basta pensarmos na criação de espaços bonitos, arborizados e seguros se não criarmos condições favoráveis para que as pessoas usufruam desses locais”, completa Warschauer.

Outro ponto importante de destaque foi a construção de ações ligadas à promoção da saúde, como passeios, palestras, debates, oficinas de alimentação saudável e encontros em parques públicos.

“No caso da caminhada, a ambiência favoreceu os relacionamentos pessoais, o cuidado com o outro, a responsabilidade mútua, a comunicação e o estímulo à solidariedade, como na ajuda ao atravessar uma rua ou em situações cotidianas.” ■

DICAS PARA SE IMPLANTAR UM PROJETO GERIDO DE AMBIÊNCIA

→ Crie um espaço coletivo para discussão e decisão sobre as intervenções no espaço.

Pode ser por meio de uma oficina de ambiência ou uma roda de discussão onde estejam incluídos gestores do serviço, trabalhadores, representantes dos usuários, profissionais de arquitetura e engenharia.

→ Pense em uma dinâmica de trabalho com o grupo que inclua a presença de um apoiador/facilitador.

→ Promova discussão sobre o espaço atual e os processos de trabalho que acontecem ou acontecerão no lugar que passará por reforma, descrevendo esses processos por meio de fluxogramas analisadores, diagramas ou outro instrumento que o grupo achar mais adequado.

→ Verifique o que a normatização prevê de características, instalações e dimensões do espaço a ser reformulado.

Esse processo e seu produto será o subsídio para os profissionais de arquitetura e engenharia desenvolverem um ótimo projeto para a intervenção no espaço físico, garantindo a participação dos usuários do espaço.

Fontes: Política Nacional de Humanização do Ministério da Saúde, arquitetos e especialistas

GRANDE PROMOÇÃO... DE SAÚDE!

Mario Ferreira Junior*



IMAGINE A SEGUINTE SITUAÇÃO: “VOCÊ PASSA DIANTE DE UM GRANDE SHOPPING center de dois andares, com um imenso cartaz na fachada anunciando: “Não perca! Grande promoção de saúde!”. Por curiosidade, decide entrar para dar uma olhadinha e, quem sabe, fazer umas “comprinhas”.

Logo no primeiro andar, maravilha-se com as ofertas: “Faça exames ultramodernos e descubra se está doente!”, “compre aqui os melhores medicamentos para os seus males!” ou “entre! Temos a cirurgia de que você precisa!”. São tantas e tão atraentes as propostas que não consegue se conter e sobe logo para ver o que há no segundo andar. Ali, porém, você se depara com uma situação diferente. Os anúncios são do tipo “venha caminhar no parque conosco”, “aprenda a cozinhar legumes e deixe-os

deliciosos”, “quer parar de fumar? Podemos ajudar” ou “ajude a sua comunidade a conter a violência” ou ainda “saiba como se divertir sem abusar da bebida”.

Não se assuste, os cenários acima não existem de verdade, são meras fantasias, fruto da imaginação, mas, apenas para satisfazer, desta vez, a nossa curiosidade: em qual dos andares você faria as suas compras de saúde? Pense com calma...

Se respondeu “no primeiro andar”, saiba que você provavelmente enfrentaria longas filas, pois teria ao seu lado a grande maioria das pessoas, que acredita que o melhor caminho é mesmo procurar saber se está doente e se tratar. Já se a sua opção foi pelo segundo, você pertence a um seleto grupo que busca ter mais saúde e, por tabela, prevenir problemas futuros.

***Mario Ferreira Junior,** Médico, Professor Colaborador Doutor do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da USP. Coordenador do Centro de Ensino e Pesquisa em Promoção da Saúde do Hospital das Clínicas da USP. Diretor Científico da ABPS - Associação Brasileira de Promoção da Saúde, triênio 2010-2012



Ilustração Rodrigo Cunha

Há ainda uma terceira possibilidade, claro, fazer compras nos dois andares, mas lembre-se: um oferece diagnóstico e tratamento para algo que já aconteceu, fato consumado, enquanto que no outro a proposta é a de prevenir ou, melhor ainda, promover saúde.

Saúde, segundo a Organização Mundial da Saúde e um grupo enorme de especialistas, nada mais é do que estar bem do ponto de vista físico, mental e social. Em outras palavras, é estar de bem com a vida. E, ao contrário do que prega um velho mito popular, “estar saudável” não é igual a “não estar doente”. Quer uma prova? Repare nas pessoas ao seu redor que têm doenças ou deficiências, mas que conseguem controlá-las ou contorná-las e são perfeitamente autônomas e independentes na vida. Elas são exemplos

vivos de que mesmo os doentes ou deficientes podem ser bastante saudáveis, fazendo tudo o que precisam e realizando seus sonhos.

Aí vem a pergunta: “E o que eu posso fazer para ter essa saúde toda?”.

Não existem milagres nem receitas de bolo infalíveis para alcançar altos patamares de saúde. Os caminhos são complexos, demorados e nem sempre dependem só de você, mas há muita coisa que você pode fazer nesse sentido.

Aqui, vamos abrir aspas e pedir que, novamente, dê asas à sua imaginação: “De um lado existe o bairro chique da cidade, com casas boas, arejadas, que têm água encanada e esgoto; ruas asfaltadas, bem sinalizadas; transporte público e escolas de boa qualidade; feiras e supermercados que vendem alimentos frescos;



Saúde é estar de bem com a vida. E, ao contrário do que prega um velho mito popular, “estar saudável” não é igual a “não estar doente”



shopping centers com lojas, restaurantes, cinemas, teatros; parques para lazer; bons ambientes de trabalho, enfim, um bairro onde as pessoas vão e vêm e se relacionam com a maior segurança e conforto possível.”

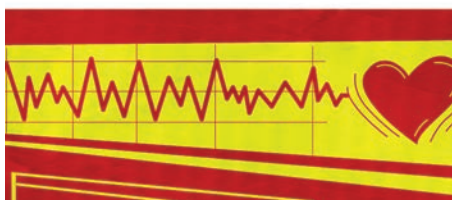
“Do outro lado, está o morro com seus precários barracos de madeira, sem janelas e com ruelas improvisadas; o ponto de ônibus fica em local perigoso e sem garantia de transporte na hora esperada; o caminho da escola passa por um terreno baldio, ao lado do lixão onde desemboca o esgoto a céu aberto; a comida é escassa e não há opção de lazer. Em resumo, um lugar no qual a luta pela sobrevivência é quase primitiva e violenta.”

Infelizmente, neste caso, qualquer semelhança com a realidade de uma grande cidade não é mera coincidência nem fantasia da nossa cabeça. Então perguntamos: em qual desses dois bairros as pessoas têm mais chances de levar vidas saudáveis?

Você tem alguma dúvida?

Não à toa, para celebrar o Dia Mundial da Saúde, em 2010, escolheu-se o tema “Urbanização e Saúde”. Uma escolha oportuna para marcar a importância vital do ambiente urbano na saúde das pessoas. Conservar a nossa rua, a vizinhança, o local de lazer e de trabalho, o ar que respiramos, a água que bebemos, enfim, todo o nosso entorno mais próximo, também é saúde.

Agora, voltando ao que se pode fazer para ser mais saudável, a ABPS (Associação Brasileira de Promoção da Saúde) dá a dica: a princípio, deve-se chamar para si o controle da própria saúde e esforçar-se para melhorá-la, sempre. E complementa: quando a melhoria não depender só de você, trabalhe junto, participe, discuta, negocie ou incentive (inclusive com o seu voto, que é



uma forma importante de participação social) ações que garantam a preservação do meio ambiente; boa moradia; educação de qualidade; trabalho e remuneração dignos; transporte eficaz e seguro; locais adequados de lazer; alimentação equilibrada; bons serviços de saúde; políticas e práticas antiviência e combate à criminalidade.

E, naquilo que depender mais de você, informe-se, motive-se e tente adquirir as habilidades necessárias para poder fazer escolhas mais seguras e saudáveis, principalmente em relação aos seus hábitos de estilo de vida, como: atividade física; alimentação; sono; consumo de tabaco, bebida alcoólica, drogas e medicamentos; lazer e controle do estresse; higiene geral e da boca; exposição à radiação solar; risco de acidentes no trânsito, em casa, no lazer e no trabalho; hábito sexual e comportamento violento.

Tudo isso é saúde!

Informação e iniciativas efetivas existem na comunidade, serviços de saúde, escolas, associações de moradores, trabalhadores ou profissionais de saúde, entidades filantrópicas e sem fins lucrativos, centros culturais, esportivos e religiosos. O SESC também desenvolve um trabalho intenso neste sentido: consulte a programação na sua cidade. Há, de fato, uma “Grande Promoção de Saúde” acontecendo. Aproveite, compre e ajude a vender essa ideia! ■



Conservar a nossa rua, a vizinhança, o local de lazer e de trabalho, o ar que respiramos, a água que bebemos, todo o nosso entorno mais próximo, também é saúde



TELEVISÃO

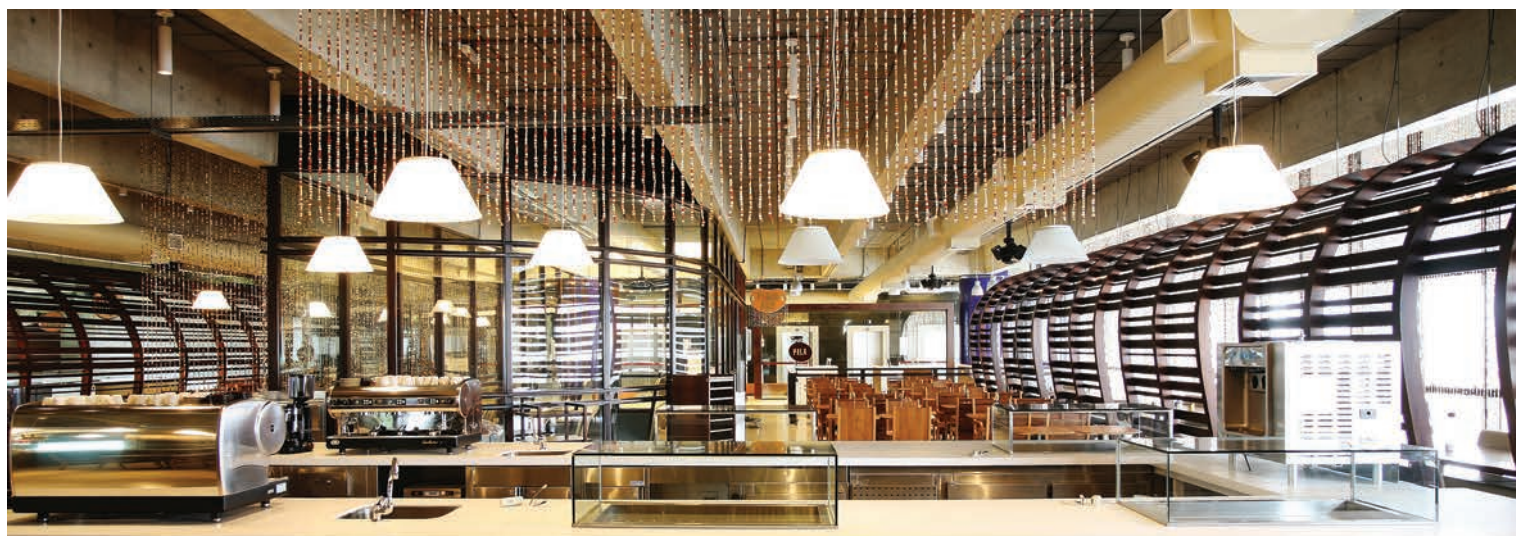
do grego *tele* e do latim *visione*

No SESCTV, você assiste diariamente a programas de música, dança, folclore, video-arte, gastronomia, expressão física e outras linguagens e manifestações da cultura. Para nós, televisão significa mais do que ver longe. Significa olhar melhor.

Peça para sua operadora de TV por assinatura incluir o SESCTV em sua programação.

SESCTV

www.sesctv.org.br



Comedor Sesc



A Comedoria SESC propõe o prazer da gastronomia e a educação alimentar em um ambiente arquitetônico especialmente concebido. O espaço apresenta o programa de alimentação do SESC, que alia valores de custo social, saúde e contemporaneidade cultural.

SESC Pinheiros

Terça a domingo a partir das 11h30.

Terça a domingo a partir das 10h.

SESC Santana

Terça a sexta, a partir das 13h

Sábados e domingos, a partir das 10h.



Comedoria SESC Pinheiros

ISSN 2177369



SESCSP
www.sescsp.org.br